

A poesia de Oleg Almeida

Livro: *Quarta-feira de Cinzas e outros poemas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011



Oleg Almeida é bielorrusso, mas escreve poesia em português. Poesia com P.

O poeta incorpora o português dos livros, o nosso tão propalado idioma culto e o matiza com seu olhar cortante de quem mergulha na língua do outro, na cultura do outro, enfim, no Outro.

Olhar que não rompe, não nega, ao contrário, reafirma a força da língua ao lapidá-la com as mãos de artista e com a poesia que emana do silêncio de sua língua original.

O poema de abertura *Prólogo*, que também poderia se chamar *Autorretrato*, é uma apresentação do poeta: “*um híbrido de palhaço e filósofo*”.

A ironia neste poema é também música:

“...Onde estarão
meu pequeno inverno, meu grande verão,
meu passado feliz? –
Não sei...
Meio palmo da virgem à meretriz,
e longe daqui Sião.”

No poema *Quarta-feira de cinzas* – esse dia de luto que subjaz ao espalhafato em pleno carnaval – basta fazer um recorte nas imagens festivas que a realidade emerge do barulho e das cores com tantos personagens quanto nosso olhar possa suportar: rainhas, artistas, garis...

*Ser gari ou ser artista –
eis o lance!*

(...)

*Desse modo, ambos limpam:
fora um e dentro o outro;
não importa que não gozem,
ao contrário dos artistas,
os garis de muita fama.
Quando o lixo toma conta
do que foi naturalmente
limpo, é mister tolhê-lo
com vassoura ou catarse!*

Poesia não é truque de gente mimada e egocêntrica. Poesia brota da experiência insana de romper limites internos e externos, e ir buscar a essência (que pode ser o lixo) – essa musa esquecida pelos homens, mas tão desejada por filósofos, cientistas e poetas.

O poema *Meu nome* é uma luxúria que desperta em qualquer leitor o desejo de criar o seu próprio poema e transformar seu nome no mote para a poesia.

Oleg envereda também para os Haicais. E aí temos uma porção deles – deliciosos!

*Quem não agride,
ao sair do cárcere,
a liberdade?*

Oleg só não foi feliz ao intitular seu livro, talvez por excesso de modéstia. O poema *Quarta-feira de cinzas* é apenas a porta de entrada para o prisioneiro recém-libertado, lúcido e valente que, em sua árdua e tonta caminhada, desafia a linguagem e arranca dela a poesia.

Para mim, este livro se chamaria *Loucura em sol menor*.

Há muito que se analisar neste belo livro, mas como não sou técnica em literatura, mas sim escritora e leitora ávida por prazer estético, só posso sugerir a quem nunca leu que procure conhecer este trabalho artístico que muito acrescenta aos nossos ouvidos fartos de tantos mirabolantes e presunçosos textos contemporâneos.

Cida Sepulveda

Fonte: www.jornalcoruja.com (acesso em 07/02/12)